

SUJEITOS DA EJA: CAMINHOS PARA O ENLEITURAMENTO E O EMPODERAMENTO ATRAVÉS DA ESCRITA DE CONTOS

Leliany Robérica Rocha Bomfim Mazzei - UNEB

Rosemary Lapa de Oliveira - UNEB

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita proporcionam uma efetiva participação na sociedade, possibilitando, oportunidade de ampliar a oportunidade de construir um conhecimento amplo de determinados assuntos, valorizar a própria cultura e a do outro e mediar processos de individuação.

O tema proposto neste relato de pesquisa em andamento, busca, através da pesquisa ação, com um projeto de intervenção pedagógica no formato de sequência didática, estudar a aprendizagem de alguns contextos linguísticos necessários para o enleituramento através do lúdico contido nos contos, focando principalmente estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para que possam diminuir o preconceito existente com relação à produção textual no dia a dia.

O enleituramento é um termo criado para expressar esse processo contínuo e cumulativo pelo qual passamos, todos nós, seres humanos, independente de nossas particularidades sociais, físicas, psíquicas, mentais, emocionais, culturais, no caminho da constituição de nossas subjetividades (Conceição, Oliveira, Zacarias, 2016, p. 124).

A sequência didática (SD) privilegiada nesta pesquisa é um conjunto de atividades organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito, para dar acesso a estudantes às práticas de novas linguagens ou dificilmente domináveis, como o conto (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004). Sendo assim, norteia a pesquisa, um projeto didático construído para desenvolver a ação na pesquisa e, com ele, estudar caminhos de enleituramento.

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a SD tem quatro componentes: Apresentação da situação, momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada (apresentar um problema de comunicação bem definido – projeto coletivo; preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos – seleção de conteúdos); Os Módulo 1 e 2 trabalham com os problemas que apareceram na primeira produção, dão aos alunos os instrumentos necessários para superá-los; e, por fim, a produção final, processo que dará ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e instrumentos elaborados separadamente nos módulos.

O gênero literário conto foi privilegiado na pesquisa por seu caráter conciso, podendo ser lido e discutido em uma hora aula. Possui estrutura fechada, com poucos personagens e apenas um clímax e, geralmente, aborda questões de comportamento humano, ressaltando sentimentos e sensações. Tudo isso incentiva tanto docentes quanto discentes a participarem de um processo de aprendizagem aberto, criativo e menos previsível. Nessa metodologia, são desenvolvidas habilidades para proficiência na língua materna e a aprendizagem dos conteúdos do currículo, dando ênfase ao contexto local em que estudantes da EJA estão inseridos.

A EJA caracteriza-se pela existência de estudantes, em sua maioria, carentes, que trabalham o dia todo e, à noite, vão à escola para dar continuidade aos estudos. Dentre esses, muitos nunca tiveram a chance de frequentar o espaço escolar ou abandonam a escola por vários motivos e só retornam muito mais tarde, quando se dão conta de que precisam concluir os estudos, não apenas para recuperar o tempo perdido, mas para se aprimorar para o mercado de trabalho.

Por essas razões e por reconhecer a importância de ampliar a discussão acerca de dificuldades na área da leitura e da escrita que fomentem a autonomia de sujeitos da EJA, buscamos, por meio de intervenção pedagógica, promover situações de estímulo à capacidade de leitura e da escrita desses estudantes, por meio de atividades com textos narrativos, como os contos, que agradam leitores de diferentes idades. Essa intervenção tem o intuito de analisar o processo de aquisição da escrita autônoma e crítica através de contos, por seu viés lúdico e familiar, uma vez que a narrativa oral se faz presente em todas as comunidades humanas de diversas formas.

A proposta de intervenção visa a produção de contos que abordem a realidade e o viver do sujeito da EJA, pois, “se o momento já é o da ação, essa se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica” (Freire, 1987, p. 67). Esta pesquisa visa benefícios sociais para estudantes da EJA, pois, nela, atores participantes são estimulados a

desenvolver a sua habilidade de enleituramento, através da descoberta de novos signos e significados e redescoberta de conceitos aprendidos ao longo da vida, alguns dos quais não se dão conta.

O estudo e a prática de enleituramento tem uma abrangência maior que a ideia de letramento, uma vez que “o letramento é da ordem da necessidade e o enleituramento é da ordem do desejo, do envolvimento, da constituição mesmo do sujeito leitor em seu processo de ser no mundo e com o mundo” (Conceição, Oliveira, Zacarias, 2016, p. 125). Esse processo, considera a docência como mediação e, para isso, a pessoa que medeia a leitura precisa ter conhecimentos necessários para agir como um verdadeiro agente social, pois é um gestor de recursos e saberes, desta forma usará seu conhecimento para fazer estudantes refletirem sobre sua ação sobre o mundo, entendendo que essa ação é realizada, também, pela leitura e escrita, principalmente pela autonomia em seu uso.

A ideia central que rege a pesquisa é a de colaborar com os estudos que se centram na formação de jovens e adultos para que se tornem cidadãos capazes de ler e interpretar textos (Freire, 2000, p.19), através de suas histórias de vida.

Estudantes da EJA do Serviço Social da Indústria (SESI) Retiro estão cada vez mais jovens, a maior parte deles é composta por adolescentes que retornam ao ensino regular e desejam terminar os estudos por necessidade de trabalho e tempo. Esses alunos e alunas trazem consigo muitas experiências de vida. Por isso, a leitura/escrita deve ser contextualizada com seus saberes e diferenciada para que possam fazer uma conexão com sua experiência diária, dessa forma, aguçando ainda mais a sua curiosidade, ampliando a sua participação social e abrindo horizontes com base no mundo do trabalho. Além disso, aspectos como estigmas e preconceitos de gênero, de etnia e, ainda, sociais, econômicos e linguísticos, que dificultam o trabalho docente mediador da aprendizagem, também na EJA, podem ser problematizados e enfrentados através do trabalho de reflexão em cima da produção de leitura e de texto.

Antunes (2007) diz que o ensino focado na gramática vem constituindo pedras no caminho no ensino de línguas, sonhando conhecimentos e princípios que são fundamentais para a cidadania. Essa prática, em vez de promover inclusão social, contribuiu por muito tempo para a exclusão de estudantes, pois as concepções de linguagem inerentes a ela eram as que privilegiavam a estrutura interna da língua, os recursos morfosintáticos de formação de palavras e frases. Essa concepção de ensino, no geral acrítica, promove subordinação e não autonomia.

Por esse motivo, escolhemos a Pedagogia da Rebeldia (Oliveira, 2019, p. 27), a qual é “capaz de dar conta do processo de enleituramento do indivíduo que aprende, fomentando as características que lhe dão ancoragem”: autonomia, Inter criticidade e situacionalidade. Ou seja: falar e escrever a si próprio e por si próprio (autonomia); perceber o mundo em diálogo com as pessoas ao seu redor (inter criticidade); conceber que todos seres humanos são iguais, não importa suas condições várias, mas que somos condicionados por essas mesmas condições, nos tornando únicos e sociais (situacionalidade).

A pesquisa buscou inteligibilidade para a pergunta: Como possibilitar a aprendizagem de alguns processos da sociolinguística, nas produções textuais para os sujeitos da EJA através de contos? O objetivo geral foi analisar e descrever o processo de escrita para estudantes da EJA. Os objetivos específicos foram: compreender a construção dos processos de escrita através da produção de contos de alunos da EJA do SESI Retiro; Estudar os processos de enleituramento através da escrita de contos; Desenvolver projeto de intervenção para a escrita de contos com situações de vida real ou fictícias.

A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL DE AUTONOMIA

A escrita não é mais domínio exclusivo dos escrivães, dos eruditos e de pessoas que se dizem detentoras do saber. A prática da escrita de fato se generalizou: além das produções escolares, é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica. Ela envolve diversos aspectos, tais como: domínio linguístico, desenvolvimento cognitivo, pragmático, sócio-histórico, cultural. O modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociada do modo pelo qual entendemos a linguagem, ainda que não tenhamos consciência disso. Essa é uma concepção interacional da língua (Koch, 2003), na qual, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto.

Usamos a escrita para muitas ações em nosso dia a dia, mas, principalmente, usamos a escrita para nos inscrever no mundo, para dialogarmos para além da condição física do aqui e agora. A escrita quebra essas barreiras, reverberando nossos pensamentos, sensações, sentimentos para além de nossos corpos físicos. Escrever, enfim, pode ser tomado como um exercício de longevidade. Além disso, a escrita é um forte elemento de empoderamento, no sentido de ampliar possibilidades de dialogia de forma mais ampla.

Para quem escrever? Para sentir e aprender escrevendo. Onde escrever? A escrita surge de pensamentos e pensamentos aparecem a qualquer momento em qualquer lugar. E quando escrever? Sempre que for necessário falar por si mesmo através da escrita, sem precisar recorrer a outrem para isso (Teberosky,1994). Tudo isso é empoderamento.

Segundo o Professor Rodrigo Horochovski (2006), empoderamento é o equivalente em português do vocábulo inglês empowerment. Ainda segundo esse autor, esse termo foi utilizado inicialmente em países de língua inglesa, sobretudo os EUA. Ele assevera que o termo só foi aportuguesado em 2000, conforme o vocábulo foi-se incorporando à língua. O autor entende o termo como sinônimo de autonomia, na medida em que se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim, entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Para ele, trata-se de um atributo, e de um processo pelo qual se auferem poder e liberdades. É, portanto, um movimento de emancipação individual, cuja busca é ter domínio sobre a própria vida. Como destaca Magdalena Leon (2001, p. 97):

Uma das contradições fundamentais do uso do termo ‘empoderamento’ se expressa no debate entre o empoderamento individual e o coletivo. (...) com ênfase nos processos cognitivos, o empoderamento se circunscreve ao sentido que os indivíduos se autoconferem. Toma um sentido de domínio e controle individual, de controle pessoal. E “fazer as coisas por si mesmo”, “ter êxito sem a ajuda dos outros”. Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioritários os sujeitos independentes e autônomos com um sentido de domínio próprio, e desconhece as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sociopolítico, histórico, do solidário, do que representa a cooperação e o que significa preocupar-se com o outro.

Dando sequência, a própria Leon acrescenta que esse tipo de empoderamento individual não se relaciona com ações coletivas, pode ser ilusório, vez que o empoderamento inclui tanto a mudança individual quanto as ações coletivas: “O empoderamento como autoconfiança e autoestima deve integrar-se em um sentido de processo com a comunidade, a cooperação e a solidariedade. Ao ter em conta o processo histórico que cria a carência de poder, torna-se evidente a necessidade de alterar as estruturas sociais vigentes; quer dizer, se reconhece o imperativo da mudança” (Leon, 2001, p. 97). Dessa forma, estudantes seguirão assumindo que têm força e poder com acesso à informação, tendo a consciência de que tem, que pode e que um estudante empodera o outro.

O desenvolvimento dos processos de escrita no projeto de intervenção utilizado na pesquisa previu, à primeira vista, escrita livre, depois foi seguida de pesquisas, estudos sobre como melhorar o que foi escrito, seguindo um processo de sequenciamento da aprendizagem.

Autores da SD defendem que o fato do educando se manter livre de críticas, faz com que pense em alternativas, caminhos fora do comum, exercite a mente para buscar as respostas do que já conhece, usando todo o seu repertório. Nesta pesquisa, essa foi a premissa de base.

Segundo Nely Novaes Coelho (2012), Vladimir Propp, ao estudar os contos, encontrou neles elementos invariantes e elementos variantes. Os elementos invariantes se referem à ordem dos acontecimentos no conto: partida, busca, retorno. Os elementos variantes são os agentes da ordem: os sujeitos da partida e os objetos da busca. Esses textos narrativos, enfim, são formados por uma sequência de fatos dos quais participam poucos personagens, em determinado lugar e em determinado tempo, com foco narrativo na 1ª ou na 3ª pessoa. Duarte (2013, p. 2) explica que “[...] um dos fatores de total relevância no conto, é que o enredo se apresente de forma condensada e sintética, centrado em um único conflito”. Tal característica tende a criar o que se chama de unidade de impressão, elemento que norteia toda a narrativa, criando um efeito no próprio leitor, manifestado pela admiração, espanto, medo, desconcerto, surpresa, entre outros. Dessa forma, na construção/ desconstrução dos contos é possível compreender sua estrutura.

A leitura de contos pode estimular o aluno-leitor a encontrar, na leitura literária, uma forma lúdica de entender melhor sua própria realidade. Ao ler narrativas curtas, que exijam uma resposta mais rápida e dinâmica do receptor, o aluno, a aluna pode se sentir mais atraído pelo texto (Silva, 2005, p. 93). Sendo assim, as produções textuais que façam estudantes refletirem sobre suas práticas em sociedade e no ambiente escolar trarão inúmeros benefícios em relação à aprendizagem dos mecanismos linguísticos, à prática maior de leitura e desenvolverá, simultaneamente a escrita, o uso adequado da linguagem culta tão cobradas pela sociedade e pelo mundo acadêmico.

Atualmente, o domínio da língua oral e escrita é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio delas que as pessoas se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, dividem ou constroem visões de mundo e produzem novos conhecimentos. Para Freire (2013), a experiência vivida torna-se a referência do momento reflexivo da práxis, na transformação das relações econômicas, políticas e sociais. A práxis educativa freiriana é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. O embate dialético entre ação-reflexão presente nesse método, favorece a mudança da consciência humana da estrutura social e uma aproximação crítica, reflexiva da realidade estudada. A produção dos contos visa essa conscientização e mudança social. A prática/ação é

a pedagogia dos homens empenhados na luta por liberdade, uma pedagogia humanista e libertadora.

Ao ensinar a língua escrita, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos os saberes linguísticos necessários ao exercício da cidadania, um direito de todos. Por isso, o ensino da língua portuguesa tem sido o centro das discussões a fim de melhorar a qualidade da educação no país.

Na língua escrita há mais exigências em relação às regras da gramática normativa. Isso acontece porque, ao falar, as pessoas podem ainda recorrer a outros recursos para que a comunicação ocorra – pode-se pedir que se repita o que foi dito, há os gestos etc. Já na linguagem escrita, a interação é mais complicada, o que torna necessário assegurar que o texto escrito dê conta da comunicação.

Alguns princípios da pedagogia freireana têm como principais categorias a humanização, a dialogicidade, a problematização, a conscientização e a emancipação e, nela, a práxis é parte do conhecimento voltado para as relações políticas, econômicas e morais. Portanto, escrever, nessa perspectiva, é um ato contínuo de aprendizagem, quanto mais se escreve, mais se torna especialista no ato de escrever, de se inscrever no mundo. Nesse processo, em que visa amparar esse sujeito-autor, sujeito-docente, a partir da adoção de uma concepção interacional (dialógica) da escrita,

é leitor e coautor do aluno, mostrando a necessidade de a escrita envolver momentos diferentes, como o planejamento, a execução, a revisão e a reescrita. Estas duas últimas, especialmente, despertam no aluno a consciência de que escrever é trabalhar, que as mudanças na escrita não são apenas no aspecto superficial, mas também em sua estrutura interna e discursiva, considerando-se as condições de produção do texto. (Menegassi, 2006, p. 160).

A escrita não reflete a fala individual de ninguém e de nenhum grupo social. Por essa razão, a fala e a escrita exigem conhecimentos diferentes. Escrever é uma atividade que exige do escritor conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua, adquirido ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas de que participamos como sujeitos eminentes sociais que somos e, de forma sistematizada, na escola.

PROPOSTA METODOLÓGICA

As sequências didáticas constituem uma proposta teórica e metodológica do ensino de língua materna construída em torno de gêneros. Essa proposta foi desenvolvida por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97-98), que a definem da seguinte forma: “conjunto de

atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, com intuito de “dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis”. Esses autores apontam, de forma clara, que uma sequência didática tem por finalidade “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero, permitindo, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. (p.97) Assim, propõem um ensino da língua mediado pelos gêneros, pelo fato de que estudantes gradualmente se apropriam dos conhecimentos dos gêneros, e simultaneamente internalizam as práticas de linguagem, que resultam na compreensão da língua.

Vislumbrando a qualificação da escrita de estudantes da EJA do SESI Retiro, adotarei a sequência didática trabalhada por esses autores que trazem uma abordagem de aprendizagem com o gênero, no qual foi desenvolvido o gênero conto.

Os dispositivos de interpretação de informação eleitos possibilitaram o levantamento das noções subsunçoras, que viabilizaram um encontro de comunicação dialógica, que, segundo Freire (2002), promovem a interlocução entre os sujeitos que buscam a interpretação da realidade a fim de transformá-la. Desse modo, a voz e a vez dos sujeitos atores da EJA tecem as tramas deste trabalho, que revela o seu valor, a sua capacidade e o resgate da sua autoestima através da escrita.

A EJA do Sesi tem seus pressupostos teóricos pautados no pensamento Freiriano, quando concebe o educando jovem e adulto, como um agente da reflexão e da construção do conhecimento em um contexto de aprendizagem humanizado, permeado pelo respeito, pelo encorajamento e pela superação dos desafios e obstáculos do dia a dia.

A narrativa permite que estudantes, na condição de atores sociais e autores de suas vidas, expressem sua cultura e linguagens próprias, falem de sua realidade, emoções, necessidades e interesse, se constituam como autores no processo de construção do conhecimento.

Segundo a concepção de Damiani (2012), intervenção pedagógica é investigação que envolve o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências. De acordo com Arroyo, (2005, p.46), “teremos de inventar alternativas corajosas” para mudar a forma de ensinar estudantes para que realmente haja uma aprendizagem e que ela parta da práxis deles mesmos para que exista uma verdadeira transformação social. Por esse motivo, se faz necessário uma pesquisa que possa proporcionar o aprendizado efetivo da escrita abordada por todas as áreas de conhecimento em uma turma de EJA do SESI Retiro.

As etapas da pesquisa foram:

<p>1. Etapa de Investiga�o: busca conjunta entre docente e estudantes das palavras e temas mais significativos das suas vidas, dentro de seu universo vocabular e da comunidade em que vive, descobertas e redescobertas de signos linguísticos, abordagens de coerência e coesão. Através da leitura de contos, sem alguns conectivos e pontua�o, será feita uma atividade diagnóstica para avaliar o que mais � preciso dar ênfase.</p>	<p>2. Etapa de Tematiza�o: momento da tomada de consciência do mundo, através da análise dos significados sociais dos temas e palavras. Após a primeira etapa, novos contos serão lidos e escritos para que a percep�o de estudantes acerca do que foi identificado seja sanada a cada atividade de produ�o e leitura.</p>	<p>3. Etapa de Problematiza�o: etapa em que docente desafia e inspira estudante a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada. Essa � a etapa em que estudantes passam de leitores aprendizes para pesquisadores escritores.</p>
---	--	--

Referindo-se   busca do sentido, Freire (2011), em seus ideais de ensino, considera que: [...] sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa de aprendizagem deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquieta es, as suas reivindica es, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significa o de sua experi ncia existencial e n o da experi ncia do educador.

ALGUMAS CONSIDERA ES

A leitura e a escrita proporcionam uma efetiva participa o na sociedade, possibilitando, assim, a oportunidade de expressar-se claramente, construir conhecimento amplo de determinados assuntos, valorizar a sua cultura e a do outro e o resgate da sua

individualidade. Diante do mencionado acima e da experiência em classe com a Educação de Jovens e Adultos percebemos que a aprendizagem é um direito educacional que deve proporcionar aos educandos possibilidades diversas de saberes, práticas e vivências, objetivando a construção de sujeitos e cidadãos capazes de compreenderem a sociedade em que vivem, compreenderem a si mesmos e as relações que estabelecem.

Para isso, faz-se necessário construir com eles a autonomia nos processos de leitura que vivenciam em seu cotidiano ou em quaisquer situações em que precisarem se envolver com a leitura. Entendemos que a leitura, e nesse caso, a leitura literária, é um bem cultural a que estudantes jovens e adultos têm direito. Assim, a escola precisa atentar para o desenvolvimento de práticas que procurem aproximar o leitor do texto, utilizando a sua experiência de vida e a sua vivência diária para que o desenvolvimento e aprendizado seja mais efetivo e afetivo.

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa está sendo desenvolvida para que estudantes da EJA do SESI Retiro tenham autonomia e sejam atores e autores de sua aprendizagem tanto leitora, quanto escritora.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2012

CONCEIÇÃO, Ana Paula Silva da; OLIVEIRA, Rosemary Lapa de; SANTOS, Jocénides Zacarias. Constituição do sujeito-leitor na educação de jovens e adultos: um olhar das práticas educativas criativas. In: COSTA, Graça dos Santos et al (org). **Inovação e educação: formação docente e experiências criativas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016

DAMIANI, Magda Floriana. Sobre pesquisa do tipo intervenção. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., 2012, Campinas. Anais...Campinas: Unicamp, 2012. p. 1-8.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. . In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo (1927-1997). **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire - 51. ed. - São Paulo: Cortez, 2011 (coleção questões da nossa época; 22).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2005.

HOROCHOVSK, Rodrigo Rossi. **Empoderamento: Definições e Aplicações**. 30º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS 24 A 28 DE OUTUBRO DE 2006 GT 18 – PODER POLÍTICO E CONTROLES DEMOCRÁTICOS, disponível em

XIII Seminario Internacional de la RED ESTRADO
Dos décadas de estudios sobre el trabajo docente: existir, resistir y construir nuevos horizontes

<https://www.anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt18-22/3405-rhorochovski-emponderamento/file> Acesso em 23 mar 2023.

KOCH, Ingedore Villaça. **A interação pela linguagem**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

León, Magdalena de (2001). “El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género”. *La Ventana*, no. 13, pp.94-106.

MAZZEI, Leliany Robérica Rocha Bomfim; SILVA, Fernanda Brito da. sarau da EJA: partilhando as sementes e aproximando as comunidades escolar e familiar. *In: SEMINÁRIO DE BOAS PRÁTICAS DA REDE Sesi BAHIA*, 2017, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Sesi Bahia, 2017.

MENEGASSI, José Renilson; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco. O aprender a ensinar a escrita no curso de letras. *In: Atos de pesquisa em educação*. v. 2, nº 2, p. 230-256, maio/ago. 2007.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. **Pedagogia da Rebeldia e o Enleituramento**. Curitiba, Appris, 2019.

PEREIRA, Antonio. **Pesquisa de intervenção em educação**. Salvador: Eduneb, 2019. 159p.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O ato de ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. São Paulo: Cortez, 1981.

Teberosky, Ana. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. Ática, 1994.